

## Ecologia e educação estética

Marly Ribeiro Meira 

(Grupo de Pesquisa em Educação e Arte — GEARTE, Porto Alegre/RS, Brasil)

**RESUMO — Ecologia e educação estética** — O texto aborda interfaces estéticas que conectam Ecologia e Arte a partir de diferentes pontos de vista acerca da questão do sensível em contextos micropolíticos. Enfoca o projeto ECOARTE com ações que estavam voltadas para uma percepção dos fenômenos que permitiam configurar a região da campanha gaúcha em sua complexa identidade social e cultural. Menciona os desdobramentos e atualizações desse projeto, que tem como principais aportes teóricos os estudos filosóficos de Guattari, sobre o pensamento ecológico como um processo que se configura esteticamente com base em registros mentais, sociais e ambientais; e de Rancière, sobre o sensível.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Educação estética. Ecologia e arte. Contextos micropolíticos. Sensível. Projeto ECOARTE.

**ABSTRACT — Ecology and aesthetic education** — The text addresses aesthetic interfaces that connect Ecology and Art from different points of view on the issue of the sensitive in micropolitical contexts. It focuses on the ECOARTE project with actions that were aimed at a perception of the phenomena that allowed to configure the region of the gaúcho campaign in its complex social and cultural identity. It mentions the developments and updates of this project, whose main theoretical contributions are the philosophical studies of Guattari, on ecological thinking as a process that is aesthetically configured based on mental, social and environmental registers; and de Rancière, on the sensible.

### **KEYWORDS**

Aesthetic education. Ecology and art. Micropolitical contexts. Sensitive. ECOART Project.

**RESUMEN — Ecología y educación estética** — El texto aborda interfaces estéticas que conectan Ecología y Arte desde diferentes puntos de vista sobre la cuestión de lo sensible en contextos micropolíticos. Se centra en el proyecto ECOARTE con acciones que estuvieron encaminadas a una percepción de los fenómenos que permitieron configurar la región de la campaña gaúcha en su compleja identidad social y cultural. Menciona los desarrollos y actualizaciones de este proyecto, cuyos principales aportes teóricos son los estudios filosóficos de Guattari, sobre el pensamiento ecológico como un proceso que se configura estéticamente a partir de registros mentales, sociales y ambientales; y de Rancière, sobre lo sensible.

### **PALABRAS-CLAVE**

Educación estética. Ecología y arte. Contextos micropolíticos. Sensible. Proyecto ECOART.

*Toda filosofia é uma fachada  
– dissimula uma outra  
filosofia, toda opinião é um  
esconderijo, toda palavra  
pode ser uma máscara  
(Friedrich Nietzsche)<sup>1</sup>.*

Em 1986, a ecologia era para mim mais do que um assunto de ciência e filosofia, era também um elo entre arte e estética do cotidiano. Um projeto de nome ECOARTE resumia as ações que a princípio estavam voltadas para uma percepção nova dos fenômenos que permitiam configurar a região da campanha gaúcha em sua complexa identidade social e cultural. O projeto incluía ouvir e observar o que o próprio grupo encarregado de sua implementação tornasse manifesto em suas performances individuais e específicas, a partir de sua área de atuação no teatro, na música, na fotografia e nas artes plásticas, incluindo a literatura e a poesia, na forma de reproduzir eventos e imagens coletadas no ambiente próximo. Com o tempo a experimentação contínua com o uso e a confecção de materialidades para gravar, informar, transformar componentes próprios à sua articulação perceptível, acabou por ir desvelando condições de afecção sensível cada vez mais complexas, encontrar e pensar sobre tais conexões complexas deu origem a cursos, seminários, oficinas e ação cultural conjunta com pessoas da comunidade. O projeto atualmente foi assumido por uma ONG e preserva a filosofia que norteou a intenção de seus criadores.

### **Cartografia afetiva das interações estéticas**

A situação exigia um apoio logístico para situar em objetos e práticas as ideias estéticas que até então haviam sido encontradas no seu manuseio experimental das atividades artísticas. As propostas pedagógicas dependiam da relação presencial e informações vindas de sintomas e sinais que só o corpo possibilita efetuar. A compreensão fenomenológica dos eventos presenciais, entretanto, deixava em suspenso a maneira de compreendê-las mais complexamente. A falta de conhecimento sobre questões já significadas coerentemente pelas teorias existentes, também não ofereciam referências que se adequassem aos fatos, na sua processualidade temporal.

A tese, que contém alusões a pressupostos então valiosos para interpretar as ações transformadoras vivenciadas nas oficinas e nos eventos de percepção afetiva de seus efeitos, com o tempo exigia repetir certas propostas para delas identificar as mudanças de comportamento estético na sua interpretação. O importante foi testar o distanciamento e a aproximação entre teoria, prática e reflexão que as experiências permitiam observar concretamente. A própria ficção passou a merecer novo estatuto poético por conta dos recursos sociais das novas tecnologias de informação e comunicação que estavam a nosso alcance e muitas delas impossíveis de acessar dada a precariedade das condições institucionais.

A intuição estética produz os enlaces necessários à objetivação da subjetividade na forma que ela se manifesta na exposição expressiva, e ao mesmo tempo indiciando vazios e ausências ali existentes e atuantes a seu modo, silencioso, quebrando a regularidade das interações entre o visível e o dizível.

Os rastros, vestígios, detalhes que antes não eram considerados importantes para compor cheios e vazios na tessitura que toda forma exige para configurar espaço e tempo para que o corpo possa decifrar seus enigmas, passaram a primeiro plano nas considerações das propostas subsequentes ao trabalho prático.

Como vestígios destas transformações naturais, o informe e a deformação das formas naturais, ou artificialmente criadas pelos humanos, incluem espaços e tempos desconectados dos suportes atuais de interpretação figural, para o modo com os signos, sinais e sintomas da criatividade empenhada em sua produção se tornasse compreensível. No entanto é fundamental que as estruturas formativas incluam os acordos na combinação de diferenças e identificações que também geram desacordos com as organizações percipientes.

Em 1990, porém, o livro de Félix Guattari foi extremamente rico em justificativas estéticas para este tipo de reflexão. Guattari (1990) caracteriza o pensamento ecológico como um processo que se configura esteticamente a partir

de registro mentais, sociais e ambientais. Também foram pródigas as interferências estéticas feitas por obras e artistas nos ambientes não convencionais e por práticas antes consideradas não consideradas próprias e imanes ao mundo da arte. Tais obras revelaram o tipo de experimentalismo que se multiplicou em torno das transformações que ultrapassaram o anterior regime poético que até então havia se fixado em processos miméticos e de representação do real vivido. As performances e instalações, as tendências minimalistas de exposição dos procedimentos vinculados a desempenhos efêmeros e presenciais, serviriam para conjugar numa mesma função o pensamento do artista como espectador e do espectador como artista da vida nele empenhada. Sem o recurso das imagens de arte que as mídias atuais possibilitam anexar ao conhecimento presencial de sua percepção direta, o professor enfrenta dificuldade para reconhecer pontos de vista, enquadramentos, recortes e montagens que enfatizam certos modos de perceber as aparências e o que elas supõem existir na sua concepção imaginária e mnemônica.

Nem mesmo a fotografia e o filme, que reivindicaram para si o monopólio da produção de imagens como apropriação da realidade, cumpriram sua promessa de reproduzir mundos objetivamente. Encontram-se ainda hoje fotos e filmes que apresentam o mundo tal como fora próprio da pintura antes da fotografia. Já na temática escolhida e no modo de detalhar e transformar o registro em corte e edição estetizada, vê-se nisso escolhas e diferenciações que a nota subjetiva amplia ou reduz a determinada técnica.

O teatro ganhou novas perspectivas dramáticas ao recorrer a cenários que as tecnologias digitais e analógicas oferecem para o espetáculo de sua apresentação.

A estética pode revelar o inesperado e surpreendente dos processos de transformação de matéria em forma e de forma em informação significadora de processos virtuais que sejam atualizados em figuras.

Sempre é bom lembrar que, no nosso caso particular, o problema da materialidade para os experimentos com a arte precisa ser avaliado em função de sua origem natural e das depredações que sua extração realiza inadvertidamente. A argila extraída das reservas fruto da escavação do solo local, embora de aspecto feio e sujo quando cru, cozida adquirira grande beleza de nuances cromáticas e texturas diferentes.

Este registro faz parte da história processual das etapas estéticas de pensar o visível e o invisível que a experiência sensorial opera. Deste episódio esclarecedor, eu e os integrantes do projeto ECOARTE percebemos a dimensão da responsabilidade que nos toca, como educadores ao articular as relações entre natureza e cultura, no espaço próximo e imediato de nossas ações pedagógicas. A geografia estética dessa relação que é sobretudo interativa manifesta uma luta de titãs que implica medir forças que resultam em efeitos tanto nefastos como criativos no modo de pensar a vida.

Os artistas sempre ousaram enfrentar tais forças de destruição para controlar os limites das operações necessárias ao processo de transformação das materialidades e seus eventos esclarecedores, para ações e reações. Não se cria nada em arte que dispense a experiência desse conflito primordial.

As crianças, em suas brincadeiras e jogos com as imagens, os sons, os dinamismos de seus gestos, a preparam para enfrentar o drama da criatividade existencial. Isso torna o brinquedo uma experiência fundamental para lidar com o inesperado e o surpreendente dos acontecimentos vitais.

### **O momento agora**

Nada é mais importante que o instante no qual as formas de tempo revelam os movimentos de transformação do que espacial e corporeamente entram com combinações novas. Apesar do grande esforço que cada um de nós se empenha em constituir a narrativa de nossa história de vida, é no presente que a consciência do múltiplo e das heterogêneas condições que integram os acontecimentos estéticos, se mostram mais impactantes e intensas afetivamente O momento agora define a situação

ecológica na qual a estética desempenha papel fundamental para correlacionar comportamentos éticos, estéticos e políticos na ação que ela dispõe realizar.

O pensamento estético não se reduz a questões de subjetividade, quando restrito a adjetivos sobre como as experiências do vivido ocorrem. O pensamento estético produz o acoplamento estrutural entre subjetividade e objetividade na percepção do modo como os procedimentos artísticos se manifestam.

A arte contemporânea é pródiga em exemplos desse tipo de performance gestual, para identificar posturas, atitudes que manifestam um entendimento ético da política que exige a prática da intercorporeidade. A sala de aula é como um micromundo capaz de situar e de perceber como ocorrem os fenômenos que possibilitam comprovar como revelam algo na iminência de se transformar, no momento agora em que estão sendo testemunhados em grupo. A estética tem potencialmente esse tipo de revelação, ao suspender valores à condição de interface entre situações objetivas, materializadas, em configurações subjetivas de alcance mais intenso que a experiência cotidiana torna repetitiva.

Um acontecimento local afeta intensamente a percepção dos eventos cuja aparência tão só evidencia em parte sua verdadeira realidade e, também, impede saber sensivelmente as origens de sua forma, o modo como sua evidência se torna racional a partir do conhecimento histórico e cultural que afetam sua apresentação gestual, simbólica e os relatos que verbalmente se submetem aos limites da narrativa literária.

Tais questões dependem de pesquisa que só o fazer da arte e suas considerações estéticas, permitem associar à ética individual e à política que se resume a interações subjetivas no confronto com situações vividas presencialmente.

Minha experiência particular com a experiência das artes visuais, tem revelado que toda figura que nasce do encontro intercorporal e imagético, revela condições que a pintura permite observar se processando como transformação no momento de sua experimentação.

Na pintura, por exemplo, o pintado e não pintado não se resolvem só como relação entre forma e fundo, entre planos coloridos e o suporte que permite sua configuração. O não pensamento faz supor um grande vazio, o que entretanto está prenhe de possibilidades que ali se encontram virtualmente a explorar. Na experiência estética, essa questão de conexão entre cheios e vazios, revela-se na textura plástica, na qual forças ativas e reativas que lutam por se impor na cena dramática que a plasticidade define na interação do visível e do invisível na sua articulação. Esta experiência é reveladora de uma tensão que surge do esforço em compreender o que está ocorrendo e só se manifesta em parte para a visibilidade que os conceitos e significações conseguem processar.

Jacques Rancière (2005) acrescenta que a estética jamais foi a teoria do juízo de um gosto, o desejo de que venha a sê-lo novamente, para justificar reprise visual ou sensorial. A criança realiza suas brincadeiras e seus jogos de lida com a articulação de objetos, coisas e seres, a partir de um esquema mental e relacional com o ambiente que é vivido intensamente e de modo tão complexo como o artista o experiencia em sua origem. Algo que se torna testemunhal como experiência manifesta como fenômeno saturado de quase impossível interpretação.

Insisto na consideração a ser dada ao momento agora que, é quando e como as origens do processo criador encontram-se ainda imprecisas, e é preciso superar todas as influências e seduções do já sabido, quanto do não sabido, ou não sabido ainda que está sendo posto em atos no exercício das situações presenciais.

A pintura foi para mim uma experiência que revelou a importância do agora para conceber o que acontece esteticamente e interativamente, na relação do material com o imaterial, e que apela para a intuição sensível que é capaz de transpor os limites do visível e da sensorialidade que ele convoca, especialmente a tátil para tocar real e virtualmente os objetos de seu interesse. Rancière (2005) observa que o inconsciente estético é um campo de associações disparatadas, delirantes. O sentido as faz ficar lado a lado por extrair vibrações de seu conjunto, com maior ou menor intensidade para umas e outras. Fazer circular afetos em meio

a obstáculos que na experimentação fazem desviar, inventar meios de contornar e não perder os registros e tensões que os atos envolvidos tornam sensíveis, é o que forja a criação de formas de tempo que sobrevivam aos aspectos e fenômenos que estão agora presentes em situação.

Formatar uma obra passa a valer pelo nexos e pelas conexões que produzem as afecções em eco, as contaminações estéticas que tendem a predominar nas relações de si próprio com seus outros, internos e múltiplos exteriormente. As representações em rede que entrelaçam imagens e mensagens são também indícios de performances que seus programadores efetuaram, obviamente, na maioria sem atender, a não ser raramente, ao comprometimento estético vinculado à ética procedimental que politicamente se verifica no modo como as ações afetam-se umas às outras socialmente.

Toda verdade choca doendo em nós, ao entrar em contato com o difere de nossos hábitos de segurança usuais. Nada como a arte para nos fazer suportar a dor e o desamparo do luto pelo que deixou de existir, ou que só vai existir se for inventado.

No pensamento estético o prazer vem do jogo em que se encontram papéis pessoais e seu consentimento ou recusa a tornar-se pessoais, compor um caráter exclusivo e formatado de individuação.

Na pintura, o jogo da cor, com as matérias colorantes e a luz, tal como ela se regula em claro-escuro, meia luz, sombra e brilho possível, as nuances obtidas revelam uma apreensão sutil que tende a alterar afetivamente a manifestação na aparência do perceptível. É possível que, na maneira com que ela impõe ao gesto de pintar, o momento seja a origem e a semente do que já estivera prenhe a germinar em condições favoráveis. Tais condições são contingentes como acontece com a natureza, sempre que algo novo esteja por nascer. Nestas condições, a contingência a considerar é como articular o saber com o não saber, o sentir com o não sentir, enfim, o experimentar com o não experimentado e inclusive com a ficção do que não pode ser experimentado física e concretamente.

A pintura, tanto quanto no drama teatral, a gestualidade que se manifesta na dança dramatizada de sua gestualidade, além de ter que resolver a força da gravidade e aproveitar o que ela indica, também enfrenta as situações que moderam e modulam os movimentos e as habilidades para o ritmo de sua coreografia, coreograficamente.

Assim também na percepção ecológica do ambiente, as imagens produzem modos de apreensão sensível contingentes e imediatas aos acontecimentos.

Experiências com a poética das relações estéticas triviais, comuns, da vida cotidiana são matéria para referência intersubjetiva que no trabalho material, como na ação humana dependem de manter distância e poder diferenciar o que limita e possibilita a conexão plástica que as figuras dão a perceber.

Pela sensibilidade nos encontramos compartilhando espaço e tempo com outros viventes. É como testemunharmos o que está acontecendo conosco e ao mesmo tempo com o ambiente próximo e personagens que o habita, atual e virtualmente.

As reflexões que me trouxeram ao pensamento ecológico há décadas, ainda incluem questionamentos que já apareciam ao escrever a tese sobre educação estética (MEIRA, 2003). A vinculação entre ecologia e arte então ainda me pareciam muito frágeis na elaboração dos conceitos então privilegiados, hoje passaram por transformações que o processo civilizatório oferece para reavaliar o já sabido como funcionam as manifestações estéticas de transformação.

Estão aí as analogias e suas fragmentações moleculares que tão bem os pigmentos na pintura suscitam desempenhos excitante para sua compreensão, compressão e distensão. A audácia criativa exige coragem tanto para avançar quanto para reverter a momentos memoráveis de experiência a beleza oculta que nunca se dá a ver por inteiro, e que não pode ser reabilitada sob as condições atuais.

O humor é sempre bem-vindo quando os recursos dos relatos prefiguram ações que a intuição estética traz de imediato o mundo que se dá a pensar com generosa percepção acerca de suas contradições.

## Nota

<sup>1</sup> NIETZSCHE, Friedrich W. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 193.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O aberto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papyrus, 1990

MEIRA, Marly. *Filosofia da criação: reflexões sobre o sentido do sensível*. Porto Alegre: Mediação, 2003.

MARION, Jean-Luc. *O visível e o revelado*. São Paulo: Loyola, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. *O inconsciente estético*. São Paulo: Editora 34, 2009.

## Marly Ribeiro Meira

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/ FAGED/UFRGS). Especialização em Artes Plásticas — Suportes Científicos e Práxis (PUCRS) e em Teoria e Crítica da Arte Contemporânea (URCAMP). Graduação em Artes Plásticas pela UFRGS. Professora Titular da URCAMP. Professora aposentada da rede estadual de educação. Ex-Presidente do Conselho de Cultura de Bagé. Ex-Presidente da Associação Gaúcha de Arte-Educação (AGA). Título honorífico de Cidadã Bageense pela Câmara de Vereadores de Bagé (RS). Artista Plástica e autora de livros e textos vinculando intersubjetividade e política, ecologia, fenomenologia da imagem, teoria do gesto e criação coletiva, educação estética. Colaboradora do Grupo de Pesquisa em Educação e Arte (GEARTE/UFRGS).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8301-9222>

E-mail: [meiraly@gmail.com](mailto:meiraly@gmail.com)

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3641244150741143>

Recebido em 29 de agosto de 2022  
Aceito em 17 de outubro de 2022

